

Noemy da Silveira Rudolfer: uma jornada por uma educação igualitária no Brasil

Noemy da Silveira Rudolfer: a journey for an egalitarian education in Brazil

Thais de Souza Oliveira¹

129

Resumo: Noemy da Silveira Rudolfer teve uma vida dedicada às pessoas, seja na luta por uma educação inclusiva e acessível, tanto socialmente, quanto no mercado de trabalho, até o seu falecimento quando se dedicava à psicologia clínica. Este artigo pretende reunir os trabalhos e esforços mais relevantes da educadora, compreendendo o período histórico em que está inserido, como o Governo Provisório (1930-1934) e as propostas de Getúlio Vargas para a educação, e a produção do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), da qual foi signatária junto de vinte e seis intelectuais e importantes personalidades públicas da época.

Palavras-chave: Noemy da Silveira Rudolfer, Psicologia Educacional, Escola Nova, Laboratório de Psicologia

Abstract: Noemy da Silveira Rudolfer had a life dedicated to people, whether in the struggle for an inclusive and accessible education, both socially and in the labor market, until her death when she was dedicated to clinical psychology. This article intends to bring together the educator's most relevant works and efforts, including the historical period in which she is inserted, such as the Provisional Government (1930-1934) and Getúlio Vargas' proposals for education, and the production of the Manifesto of the Pioneers of Educação Nova (1932), to which it was a signatory along with 26 important names of the time.

Keywords: Noemy da Silveira Rudolfer, Educational Psychology, Escola Nova, Psychology Laboratory

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo compreender a trajetória de Noemy Marques da Silveira (1902- 1980) ou Noemy da Silveira Rudolfer, nome que assumiu após se casar com Bruno

¹ Thais de Souza Oliveira atua como publicitária há cerca de 20 anos. Em 2023, formou-se em Estudos Brasileiros de Sociedade, Educação e Cultura, pela Escola de Humanidades da FESPSP – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde se atentou pelas problemáticas da educação e decidiu debuchar esta pesquisa e futuras sobre o tema.

Rudolfer, em 1934, uma das signatárias do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, e peça fundamental nas narrativas da década de 1920 e 1930 sobre a modernização do ensino com base em referências internacionais e nas teorias da psicologia educacional. Para efeito de auxiliar em futuras buscas pelo trabalho da pesquisadora, a chamarei por Rudolfer neste artigo, nome pelo qual é mais referenciada pelo seu trabalho na educação.

Conheci a educadora através do Manifesto de 32, seu nome figurava entre outras duas mulheres, a educadora e militante social Armanda Álvaro Alberto, e a jornalista, escritora e professora Cecília Meireles, além de vinte e três homens que atuavam em diferentes áreas. Buscando conhecer melhor a atuação das signatárias, observo que termos comumente utilizados para designar o trabalho de Rudolfer, como “psicobiologia”, “aptidões psicológicas”, “direito biológico” entre outros termos relacionados às aptidões dos alunos brasileiros, são usados repetidas vezes nas longas e densas páginas do Manifesto de 32. O fato destes termos coincidirem frequentemente entre a educadora e o documento, é o gatilho para conhecer melhor a sua vida e o seu trabalho.

Em uma primeira leitura, relacionei os termos usados no documento às expressões usadas exacerbadamente na atualidade para esfriar os debates sobre a equidade de oportunidades entre a burguesia e a classe trabalhadora, como vocação e meritocracia. Mérito é uma forma de culpabilização do esforço em um país que, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, de 2019 e 2020 (PNAD Covid-19), realizadas pelo IBGE, houve um crescimento expressivo de crianças e adolescentes fora da escola no Brasil se comparado aos anos anteriores: em 2019, havia quase 1,1 milhão crianças e adolescentes em idade escolar obrigatória fora da escola no Brasil, a maioria deles, crianças de quatro e cinco anos e adolescentes de 15 a 17 anos; já em novembro de 2020, mais de cinco milhões de meninas e meninos de seis a 17 anos não tinham acesso à educação no país. E vale destacar ainda, que o PNAD Covid-19 aponta que a exclusão escolar afeta principalmente jovens em situação de vulnerabilidade, em sua maioria pretas (os), pardas (o) e indígenas.

Entendendo as variáveis para “biologia” como vocação, inclinei-me a fazer uma análise semântica dos léxicos que me chamaram a atenção no Manifesto de 32 e desdobrar o que existia de plano tático para a educação por trás de seu uso exacerbado. E ainda projetando essa pesquisa,

descobri o trabalho de Noemy da Silveira Rudolfer, que muda o foco deste trabalho para entender a psicobiologia da educação, o que ainda responde ao objeto inicial deste artigo.

Não é aleatória a escolha pela trajetória e contribuições de Rudolfer entre 26 signatários do Manifesto de 32. Na verdade, algumas são as motivações que levam este artigo a se aprofundar na carreira de Rudolfer:

a) Na tese de doutorado de José Damiro de Moraes, para a Faculdade de Educação da Unicamp, é possível conhecer cada signatário a partir de uma breve descrição de sua vida e carreira. Em sua maioria são médicos, advogados, engenheiros e políticos que se envolveram com as questões de educação para agregar de sua forma. Comparativamente, o texto escrito para Rudolfer, além de apresentar o segundo maior texto descritivo, expõe uma trajetória consistente e dedicada integralmente à educação, iniciada logo que chegou a São Paulo, aos 14 anos de idade.

b) Rudolfer ultrapassou o lugar de esposa, mãe e dona de casa comum à época, para participar da construção política comum aos homens. Naquele contexto, a Escola Normal era maior comumente ocupada por mulheres. A verdade é que a carreira de Rudolfer mostra que ela foi além das salas de aula. Esteve à frente de diversas iniciativas e institutos de educação, que serão citadas no decorrer deste artigo, enfrentou plenárias e defendeu pontos de vista em salas repletas de políticos e intelectuais homens.

c) Antes do conceito de Escola Nova aterrissar no Brasil, já era pauta entre intelectuais na Europa e Estados Unidos da América. Ideias escolanovistas do filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952) e do sociólogo, filósofo e antropólogo francês Émile Durkheim (1859-1952) já eram referência e inspiravam por aqui. Em meados da década de 1920 e 1930, três dos 26 signatários estiveram na Teacher's College, da Universidade de Columbia, nos EUA, são eles: Noemy Rudolfer, Lourenço Filho e Anísio Teixeira. Vale destacar que Rudolfer retornou mais uma vez e, diferente dos outros três colegas, não possuía diploma superior, o que pode sinalizar o reconhecimento de sua dedicação para com o ensino e seus métodos testados e eficazes. Ou seja, o seu da Escola Normal não era barreira para a educadora.

d) Estudiosa do escolanovismo, não importou um conceito. Entendendo as necessidades do país e as lacunas que precisavam ser preenchidas na educação, tinha como estratégia atender todo o ecossistema: aluno desde a infância, a capacitação do professor, impulsionar a sociedade e a economia através do trabalho. Realizou as entrevistas e foi uma das pioneiras na aplicação de

Testes ABC, juntos de Lourenço Filho. Os testes aplicados descreviam as dificuldades para, então, dedicar-se a individualidade de cada aluno projetando o seu desenvolvimento por meio do trabalho até o ensino superior.

Para Rudolfer, a psicologia educacional tem a função de estabelecer os meios disponíveis para educar bem, levando em consideração a natureza humana, tanto do aluno, quanto do professor, colocando as necessidades e complexidades do processo de aprendizagem no centro para desenvolver e garantir uma maior eficiência no ensino. O Professor João Batista Damasco Penna, da cadeira 18 de Pedagogia e Psicologia da Escola Normal da Praça, ex-aluno e colega de Rudolfer, se referiu à professora com infinitos predicados (transcrição:

Em todos os níveis de ensino em que trabalhou, sempre se consagrou inteira à tarefa com extrema seriedade, com extrema simpatia humana, com extrema benevolência pelo problema dos alunos, com extrema lucidez e inteira dedicação. Além de sua atividade professoral, ela exerceu ainda atividades correlatas com as do ensino, na forma de palestras, conferências extra-classe, publicação, tradução e produção de vários livros, grupos de debate. Toda uma vida inteiramente dedicada à educação [...] NOEMY DA SILVEIRA RUDOLFER. Perfil do Educador. Direção e Produção: UNIVESP. São Paulo: TV Cultura, 1970).

Contudo, poucos são os trabalhos – estudos, pesquisas, livros, trabalhos acadêmicos - que narram de forma cronológica a trajetória de Rudolfer. Por isso, o Manifesto dos Pioneiros não é o objeto deste artigo, mas o trabalho da pesquisadora, educadora e psicoterapeuta e seu ideal de progresso e renovação do ensino no Brasil.

Dessa maneira, a construção deste artigo foi realizada a partir de levantamento e leitura de bibliografias, artigos acadêmicos e documentos acerca dos trabalhos e projetos realizados por Noemy da Silveira Rudolfer e também do contexto político, econômico e social da época, especialmente do período Vargas, em especial o Governo Provisório, além da busca pela compreensão de importantes conceitos da educação e teóricos considerados por ela.

Assim, o artigo apresenta inicialmente um capítulo com o contexto histórico do período que transformou e deu visibilidade para o trabalho de Noemy Rudolfer, para, na sequência, apresentar uma cronologia de sua biografia, abrangendo sua vida e atuação profissional.

2 PROPOSTAS, CONFLITOS E INTERESSES DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

2.1 Contexto histórico

O Governo provisório de 1930 deu a Getúlio Vargas o título de Presidente da República e a responsabilidade de trazer propostas de governo que respondessem às insatisfações políticas, econômicas e sociais pelas quais o Brasil passava na gestão Washington Luís. Neste contexto de descontentamento, Vargas trouxe propostas para a consolidação de leis trabalhistas e a capacitação de força de trabalho industrial, além de medidas nas áreas de saúde e educação com forte tônica nacionalista, tudo entremeado em medidas autoritárias de seu governo.

A reforma educacional proposta pelo governo Vargas visava modernizar o ensino no país e voltá-lo para a qualificação profissional de tal forma a impulsionar o desenvolvimento industrial e econômico no país. Se antes a educação fazia parte da pasta do Ministério da Justiça, na gestão Vargas passa e integrar um novo Ministério, que unia ações de saúde, hábitos de higiene, esporte, meio ambiente e, claro, educação aos novos direcionais de ensino e o ensino profissionalizante. Tal reforma teve como principal intuito modernizar a educação no país e formar uma mão de obra mais qualificada para impulsionar o desenvolvimento industrial e econômico do Brasil. (NETO, 2013).

As propostas de Vargas não agradaram integralmente a todos os setores da sociedade. Igreja Católica, Forças Armadas, movimentos estudantis e, também, o empresariado, mostravam descontentamento no que se relacionava à sua área. A centralização do Estado, deixavam Igreja Católica e Forças Armadas preocupados com a perda de influência nas instituições de ensino. Para a Igreja, a proposta de laicização do ensino e a não obrigatoriedade do ensino religioso representavam riscos à formação moral e ética dos estudantes, passada por meio dos princípios da fé católica ensinados nas escolas. Já para as Forças Armadas, que estiveram ao lado de Vargas na deposição do presidente Washington Luís, a preocupação estava na influência de pensamentos progressistas no ambiente educacional, temendo a formação de cidadãos com visão crítica e independente. Esse medo se estendia, ainda, a perda de autonomia das academias militares. (SAVIANI, 2004).

Em um outro grupo de questionadores das propostas do novo governo, estavam educadores e intelectuais brasileiros preocupados com a centralização das reformas e a ênfase ao ensino técnico e profissional que desconsiderava a humanização do aluno e as particularidades culturais e regionais do país. Para eles, a ideia de um ensino técnico voltado para a construção de um país industrial e não para a alfabetização como um direito civil, manteria o povo não alfabetizado fora

do processo democrático republicano, além da perda sobre o desenvolvimento de um indivíduo crítico; dois grandes entraves para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Esta não era uma percepção emergente após as propostas de Vargas para educação. Estes educadores e intelectuais já debatiam a concepção de educação e seus dilemas na década anterior, 1920, muitos integrando o movimento denominado Escola Nova. Dessa forma, inspiravam-se em ideias pedagógicas progressistas e nas experiências educacionais do exterior, nos Estados Unidos e na Europa, tanto de ensino quanto da administração escolar. E, apesar do referencial teórico partir de conceitos que já estavam sendo estudados lá fora, os debates desses intelectuais compreendiam, não só a busca por uma identidade nacional sobre cultura, língua, literatura e, também, na educação, mas também as particularidades culturais e regionais do Brasil, que seriam afetadas com a perda da autonomia dos Estados. Lourenço Filho, no Ceará, Francisco Campos, em Minas Gerais, Anísio Teixeira, na Bahia, e Carneiro Leão em Pernambuco, são alguns dos importantes nomes da educação que impulsionaram reformas do ensino em seus Estados na década de 1920 (NAGLE, 2001).

Os debates e trocas entre esses intelectuais sobre ensino e administração escolar, aconteciam em reuniões e em congressos promovidos pelos intelectuais e pela Associação Brasileira de Educação (ABE), entidade criada por Heitor Lira da Silva com a ideia de ser, inicialmente, um partido político com objetivo de “lutar pela melhoria da educação e do ensino do povo brasileiro em todos os aspectos”, mas ficou entendido que uma entidade que reunisse defensores da educação em diversas posições intelectuais seria um instrumento de maior sucesso (LEMME, 2004).

Outro ponto importante da percepção dos intelectuais era que a centralização de poder e a perda de autonomia dos Estados, além do excesso de nacionalismo, pudesse ser uma ferramenta política usada para tornar os cidadãos acríticos à situação social e política do país, em vez de promover uma mentalidade plural e a liberdade de pensamento, ideias centrais do escolanovismo.

A década de 1920 era de grande entusiasmo por uma renovação da educação e pela expectativa de transformação social e, neste sentido, as políticas educacionais do Governo Provisório foi um acelerador da concatenação destas ideias: foi em 1931, na IV Conferência Nacional de Educação, evento patrocinado pela ABE, com participação de intelectuais, educadores e, também, de Getúlio Vargas e Francisco Campos, Ministro da Educação e Saúde Pública. Durante

o evento, que o então Presidente solicitou a estes educadores e intelectuais de prestígio uma para a educação no Brasil baseada no que eles já vinham estudando e defendendo, alinhada com seus ideais pedagógicos e liberais (XAVIER, 2004).

E, assim, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova é criado e publicado em 1932, sendo considerado até os dias de hoje como um marco importante na história da educação brasileira, com ideias que influenciaram as políticas educacionais daquela época e contribuíram para moldar a educação nas décadas seguintes. O documento foi assinado por 26 intelectuais², o Manifesto deu origem a esse personagem coletivo: os pioneiros da educação nova. No entanto, como assinalou Jamil Cury (1984), os pioneiros não constituíam um grupo homogêneo e a adesão ao Manifesto registra um momento de compromisso no qual intelectuais de diferentes posições ideológicas selaram uma aliança em torno de alguns princípios gerais que confluíam para a modernização da educação e da sociedade brasileiras (XAVIER, 2004 - p. 24).

Antes de qualquer análise da educação na época e de qualquer proposta, o manifesto inicia o seu texto sinalizando a importância da educação e, por consequência, do documento: “Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade o da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional (MANIFESTO DOS PIONEIROS, 1932)”, para, então discorrer repetidas vezes nas problemáticas e propostas.

O texto sugere que a transformação só se daria pela educação pública de responsabilidade do Estado, que garantisse uma continuidade no desenvolvimento do aluno, respeitando as características e necessidades regionais, indo de acordo com o trabalho que já era feito por parte dos Pioneiros nos Estados em que trabalhavam. O documento volta o olhar para as necessidades individuais dos alunos, suas aptidões, capacidades e, sobretudo, sobre suas dificuldades de desenvolvimento, desta forma, prepararia uma pessoa para o trabalho, mas também para o conhecimento e o senso crítico, somente desta forma, a educação impactaria de forma consistente, em todo o país, na condição econômica e social do indivíduo.

² Fernando de Azevedo Afrânio Peixoto; A. De Sampaio Dória; ^[1] Anísio Spinola Teixeira; M. Bergström Lourenço Filho Roquette-Pinto; J. G. Frota Pessoa; Julio de Mesquita Filho; Raul Briquet; Mário Casasanta C. Delgado de Carvalho; A. Ferreira de Almeida Jr.; J. P. Fontenelle Roldão Lopes de Barros; Noemy M. da Silveira Hermes Lima; Attílio Vivacqua Francisco Venâncio Filho; Paulo Maranhão; Cecília Meireles; Edgar Sussekind de Mendonça; Armanda Álvaro Alberto; Garcia de Rezende; Nóbrega da Cunha; Paschoal Lemme; e Raul Gomes.

“Aptidão natural” e “caráter biológico ou psicobiológico”, que surge repetidas vezes no Manifesto, que podem ser termos de entendimento bastante subjetivos, são melhor esclarecidos compreendendo o trabalho de alguns dos signatários, àqueles que já atuavam na pedagogia, para entender que a estes entendia a educação como um direito biológico, algo intrínseco ao ser humano um olhar individual para que o indivíduo pudesse ocupar o coletivo:

Deixa de constituir um privilégio determinado pela condição econômica e social do indivíduo para assumir um caráter biológico, (...) reconhecendo a todo indivíduo o direito a ser educado até onde permitam as suas aptidões naturais, independente das razões de ordem econômica e social. A educação nova, alargando a sua finalidade para além do limite de classes, assume, com uma feição mais humana, a sua verdadeira função social, preparando-se para formar a hierarquia democrática pela hierarquia das capacidades. MANIFESTO DOS PIONEIROS, 1932.

Embora termos como “até onde permitam suas aptidões, o plano de reconstrução educacional proposto pelo manifesto, tinha presença fundamental no ensino infantil e primário, mas pleiteava uma jornada até a universidade:

A estrutura do plano educacional corresponde, na hierarquia de suas instituições escolares (escola infantil ou pré-primária; primária; secundária e superior ou universitária) aos quatro grandes períodos que apresenta o desenvolvimento natural do ser humano. É uma reforma integral da organização e dos métodos de toda a educação nacional, dentro do mesmo espírito que substitui o conceito estático do ensino por um conceito dinâmico, fazendo um apelo, dos jardins de infância à Universidade, não à receptividade, mas à atividade criadora do aluno. MANIFESTO DOS PIONEIROS, 1932.

Outra evidência de um ideal igualitário das classes sociais, era no trabalho em que atuavam alguns dos 26 signatários no campo da pedagogia, nos laboratórios de psicologia e no desenvolvimento de testes, como Lourenço Filho - dono de um extenso currículo na Psicologia e Pedagogia, foi Diretor de Instrução Pública no Ceará e em São Paulo, foi responsável pela transformação da Escola Normal da Praça em Instituto Pedagógico, fato que deu origem ao primeiro curso superior em educação, em 1933; foi pioneiro na implantação dos Testes ABC de maturidade dos alunos, e Noemy da Silveira Rudolfer, uma das três mulheres signatárias do Manifesto, e a quem este trabalho vai dedicar a pesquisa. (ROCHA, 2020).

2.2. Noemy da Silveira Rudolfer: cronologia de vida e carreira

Noemy Marques da Silveira, nasceu no dia 8 de agosto de 1902, em Santa Rosa de Viterbo, um pequeno município da região de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo. Mais tarde, em 1934, assumiria um novo sobrenome ao casar-se com o engenheiro tcheco Bruno Rudolfer.

Rudolfer nasce e cresce na República Velha e acompanha um momento de construção da nacionalidade brasileira na arte e na cultura, que buscava referências ao redor do globo para criar a sua identidade - a música popular brasileira que foi fortemente influenciada por alguns ritmos estrangeiros, como tangos, blues, jazz bands e musicais norte-americanos; e a busca e valorização da arte nacional no modernismo, fruto da antropofagia que buscava uma identidade cultural a partir do processo de “devorar” as ideias estrangeiras para “regurgitar” o que seria essencialmente brasileiro. Não seria diferente na educação. A transição entre os séculos XIX e XX é marcada por uma tendência mundial pela busca de bases científicas, sustentada pela psicologia e pela estatística, comportamento que também impactava educadores e intelectuais brasileiros que buscavam conceitos para se inspirar e se alinhar com o que havia de mais moderno no mundo, principalmente nos países que eram tidos como referência em termos de pesquisa e modelos pedagógicos.

Filha de pai farmacêutico e mãe dona de casa, Noemy e as irmãs sempre foram incentivadas a estudar, o pai desejava que as suas filhas fossem independentes e ansiava que, o quanto antes, elas estudassem e fizessem um curso. À época, o curso comum para mulheres era o magistério.

Em 1914, a família Silveira muda para São Paulo. Em 1918, Rudolfer se forma professora na Escola Normal do Brás e, formada, passa a lecionar no ensino primário na Escola Normal Padre Anchieta como professora substituta, para, em 1921, por concurso de provas e títulos, assumir o cargo de professora primária adjunta no Grupo Escolar Prudente de Moraes, onde permaneceu até 1927. Neste mesmo ano, passa a ser assistente de Lourenço Filho, que ocupava a cadeira de Psicologia Educacional e Geral, na área de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal da Praça, sendo a aplicação dos Testes ABC, um dos trabalhos que se envolveu com afinco e marcou sua carreira. É nesta experiência que se firma uma parceria de mais de 7 anos com o Lourenço Filho, que já tinha um trabalho estabelecido e reconhecido na educação. Esta parceria é um impulsionador importante na carreira de Rudolfer:

Lourenço Filho desenvolveu com Rudolfer um plano particular de estudos em torno das mais avançadas teorias psicológicas europeias e norte-americanas com as quais vinha sendo trabalhado na Cadeira de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal da Praça [...]. Nesse período, as relações

com o novo mestre foram intensas: ele a chamou para a função de preparador da Cadeira, bem como encarregou-a de aplicar testes (incluindo a colaboração direta na padronização dos testes ABC) e de desenvolver experimentos no Laboratório de Psicologia Experimental, anexo à Cadeira de psicologia e Pedagogia (WARDE, 2002, p. 860).

Tendo estado na posição de professora para depois ocupar uma posição na psicologia e pedagogia, Rudolfer ganha espaço para realizar críticas a processos mecanizados do ensino. Métodos como exposição e a escrita pela cópia, tiravam do aluno a oportunidade de desenvolver a sua individualidade, a criatividade e o senso crítico, para ela esse método “não é aprendido, porque não se realiza no domínio ativo”, isso porque tirava a criança do processo de conhecimento (RUDOLFER, 1927). Desta forma, o professor tomaria um papel de incentivar a curiosidade e criatividade dos alunos que buscariam as respostas.

A ideia de indivíduos com senso crítico e autônomos, extrapolavam o espaço escolar e tinham função social, refletido no trabalho, para acompanhar a industrialização, mas, sobretudo, as aptidões do indivíduo

(...) nenhuma personalidade se forma sem que se considerem condições concretas. Dantes, podiam as famílias decidir, com seus próprios recursos, da orientação a ser dada aos jovens, por isso que os caminhos da vida profissional eram relativamente poucos, e a opção entre eles especialmente se fazia pela situação social e econômica que ocupassem. Agora com os tipos tão diversificados de ocupação, torna-se indispensável oferecer aos educandos e suas famílias elementos para decisão mais esclarecida e satisfatória. (RUDOLFER, 1927, p. 258).

Para Rudolfer, a orientação profissional era dever do Estado, já que o erro na escolha da profissão e os problemas sociais estavam intimamente ligados, pois eram decorrentes da inaptidão profissional “motivada pela falta de capacidade intelectual ou afetiva” (MORAES, 2012). Durante a II Conferência Nacional de Educação da ABE, realizada em Belo Horizonte, em 1928, a educadora apresentou sua tese “Orientação profissional e seu objetivo: papel da escola primária como pré-orientadora profissional”, o seu texto defendia a orientação profissional para guiar “os indivíduos para a profissão adaptada às suas aptidões”, desenvolver o “amor pelo trabalho” para maior performance no trabalho, evitar o “desperdício de forças preciosas” e a “instabilidade

operária”. Sua tese foi aclamada e recebeu elogios significativos, declaração de louvor e aplausos para “seu inteligente esforço”, tendo sido aprovadas suas conclusões (SILVA, 2004, p. 154).

Apesar de um discurso taylorista de máxima produtividade, Rudolfer acreditava que os problemas sociais estavam intimamente ligados a sentimentos de frustração na escolha da profissão, e que o impacto dessas escolhas erradas impactava todo um ecossistema profissional, familiar, social e pessoal, mas ele não era exclusivo das classes trabalhadoras, mas também incluía a elite. Isso pode-se observar em análise da educadora após realizar duas pesquisas escolares em grupos distintos de alunos, onde foi perguntado “O que vai ser quando crescer? E Por quê?”, Rudolfer nota que os estudantes das classes mais abastadas, em sua maioria, escolhem profissões liberais (médicos, engenheiros, advogados), o que a educadora considera um erro e tece o seguinte comentário:

Seres dotados de qualidades medíocres ingressam em profissões brilhantes (...) urge criar-se uma mentalidade profissional que vá, de antemão, ceifando a erva ruim que grassa entre nós, sob forma reveladora da mentalidade estreita: o interesse particular sobrepujando o interesse geral (RUDOLFER, 1929, p. 92-93).

Em 1928, Rudolfer integra o grupo de educadores que foram enviados aos Estados Unidos da América com subsídios da ABE e do International Institute of Education de Nova York para uma vivência no Teacher’s College, a escola de pós-graduação em educação da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos da América. Entre 1927 e 1935, quatro intelectuais brasileiros estiveram na instituição: Isaías Alves (1930), Anísio Teixeira (1927) e Lourenço Filho (1935), estes dois últimos também signatários do Manifesto dos Pioneiros. A contrapartida desta experiência era trazer um relatório sobre o tema de pesquisa escolhido por cada um deles.

Exceto Rudolfer, que não possuía formação superior, era formada na Escola Normal Padre Anchieta, uma espécie de Magistério da época, que lhe conferia técnicas e o direito de lecionar no ensino primário, dando aptidão a prestar concursos de provas, os demais eram formados em Direito. A trajetória de cada um na educação era distinta: Lourenço Filho e Isaías Alves ingressaram precocemente como professores, Rudolfer ingressou logo após a sua formação no normal, já Anísio Teixeira ingressou após retornar dos EUA. (MORAES, 2007).

Rudolfer retorna à Universidade de Columbia dois anos mais tarde, frequentando as aulas de pedagogos e filósofos renomados, como William Kilpatrick, John Dewey, Edward Thorndike,

e passa a traduzir os livros destes mestres para o Português, gerando maior alcance dos conhecimentos e conceitos a qual ela tinha tido acesso nos EUA.

Após um semestre nos EUA, Rudolfer retorna ao Brasil, em 1931, a pedido de Lourenço Filho, que acabara de assumir o cargo de Diretor-Geral de Ensino de São Paulo (1930-1931) e a convidou para ocupar a Direção do Serviço de Psicologia Aplicada. A missão dada era ajudar na reforma da educação paulista que ele iniciava ao assumir o cargo, mas a educadora demitiu-se em 1932, quando Sud Mennucci assume o cargo de Lourenço Marques após uma conturbada política de troca dos interventores em São Paulo (MORAES, 2012), que reduziria a sua autonomia.

O seu sucessor no cargo, Luis Galhanone, estava de acordo com as medidas de Sud Mennucci, mas afirma publicamente que “O Serviço de Psicologia Aplicada preservou a estrutura e o plano de trabalho traçado por Noemi Rudolfer, com as atividades distribuídas pelas suas três seções (GALHANONE, 1932, p. 61). Anos depois, no artigo “O primeiro serviço de Orientação Profissional e educacional no Brasil”, Rudolfer classifica a administração de Sud Mennucci como uma ruptura dos trabalhos realizados por Lourenço Filho. Durante todos esses anos, a educadora mantinha firme sua afinidade com cada um destes intelectuais (RUDOLFER, 1945).

No ano em que o Manifesto dos Pioneiros foi lançado (1932), Rudolfer assume a Cátedra de Psicologia Educacional e o Laboratório de Psicologia Educacional, ambos pertencentes à Escola Normal de São Paulo Caetano de Campos, onde liderou por 10 anos no laboratório, com a ajuda de 17 funcionários, o desenvolvimento de atividades práticas para os alunos estagiários, atividades divididas em quatro seções: Medidas mentais, Medida do trabalho escolar, Orientação e Estatística.

Ainda em 1932, Noemi apresentou à V Conferência Nacional de Educação da ABE, a comunicação da homogeneização das classes escolares. Esse texto, publicado na revista do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), Instituto que ajudou a fundar no ano anterior, junto da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e do jornal O Estado de S. Paulo, além de importantes empresários e educadores, colocava em questão as “diferenças individuais” e o porquê do fracasso escolar. A temática desenvolvida por ela defendia o processo educacional centrado na criança, por meio de sua individualidade, como ela é, como aprende, suas aspirações, hábitos, deficiências, déficits de aprendizagem para definir o método, técnica e processo do professor. A preocupação na criança estudante também apoiaria o educador e seguiria para a vida adulto na condição de trabalhador.

No IDORT, além de publicar artigos na Revista de Organização Científica, Rudolfer foi responsável pela Comissão de Redação. A editoria da revista contava com importantes nomes da pedagogia e do trabalho: Victor da Silva Freire, pela seção de Orientação Profissional; Armando de Sales Oliveira, na seção de Assuntos Gerais; Aldo de Azevedo e Roberto Simonsen, na seção de Organização Geral do Trabalho Administrativo; Roberto Mange e Monteiro de Camargo, na seção de Seleção e Educação Profissionais; Roberto Mange e Júlio Genta, na seção de Tecnologia do Trabalho; Geraldo de Paula Souza e Antônio Carlos Pacheco e Silva, na seção de Higiene do Trabalho. (MORAES, 2012).

Rudolfer retorna ao Serviço de Psicologia Aplicada em 1933, sob a gestão de Fernando de Azevedo, e ocupa a Cadeira de Psicologia Educacional em um momento importante para a instituição, quando sai das dependências do Departamento de Educação e passa a fazer parte do recém-criado Instituto de Educação:

Os Institutos de Educação representaram uma fase nova e foram concebidos como espaços de cultivo da educação, compreendidos não somente como objetos de ensino, mas também de pesquisa. As duas primeiras iniciativas tiveram a inspiração no ideário da Escola Nova. O Instituto de Educação do Distrito Federal foi concebido e implantado por Anísio Teixeira, em 1932, e dirigido por Lourenço Filho, o Instituto de Educação de São Paulo, implantado em 1933, por Fernando de Azevedo (SAVIANI, 2009).

É nesta gestão, com Azevedo e Rudolfer, que o Serviço de Psicologia Aplicada é anexado ao Instituto Pedagógico para, então, por meio de decretos, passar a ser chamado de Instituto de Educação e receber status de curso superior³. Quando a Universidade de São Paulo (USP), foi criada em fevereiro de 1934, o Instituto, assim como tantas outras escolas superiores⁴, é anexado à universidade, e abre espaço para que São Paulo fortalecesse os ideais da Escola Nova e da identidade nacional (CARDOSO, 1982).

³ A Escola Normal da Praça Caetano de Campos transformou-se em Instituto Pedagógico por meio do Decreto estadual no. 4888, de fevereiro de 1931; em 1933, o Decreto no. 5846, criou o Instituto de Educação; e com o Decreto no. 5884 - o código de educação – instituiu-se o curso superior em educação. (ANTUNHA, 1975).

⁴ Direito (desde 1827), Escola Politécnica (desde 1893/4), Medicina Veterinária (1928), Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz (desde 1901), Belas Artes (1934). Os cursos de Filosofia, Ciências e Letras, Farmácia e Odontologia, Ciências Econômicas e Comerciais, foram criados pelo mesmo Decreto estadual que instituiu a Universidade (Cf. Brasil, Decreto no. 39 de 3/9/1934; São Paulo, Decreto no. 6283 de 25/1/1934).

Neste novo momento do ensino superior, é nomeada professora de Psicologia da USP, onde permaneceu até 1954, quando é substituída por Arrigo Leonardo Angelini, seu assistente na universidade desde 1948. Para além da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (FFCL), lecionou na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e ministrou cursos em universidades sul-americanas, em países como Chile e Paraguai. Foi atuante em diversos movimentos e associações, tendo participado da criação da Sociedade de Sociologia de São Paulo e da Associação Paulista de Psicologia, por meio de missões do Ministério de Relações Exteriores.

O Instituto de Educação não estava subordinado à cadeira de Psicologia, mas sim à de um chefe, o que tirou a autonomia de Rudolfer em algumas funções e representava um risco ao seu trabalho junto ao Laboratório de Educação. Isso fica evidente, quando a professora tem negado por parte da Congregação, um pedido da colaboração voluntária das Doutoradas Aniela Meyer Ginsburg e Betti Hatzenstein, da Universidade de Varsóvia e da Universidade de Hamburgo, respectivamente, alegando questão hierárquica. (ACIE, 20/5/1936).

Para mudar esse cenário, Rudolfer apresentou uma proposta à Congregação do Instituto de Educação que reorganizava o Laboratório de Psicologia “como órgão de investigação e estudos anexo à cadeira de Psicologia Educacional do Instituto de Educação, com a supressão do cargo de chefe do mesmo laboratório” (BAPTISTA, 2001). Neste mesmo ano, 1936, defendeu sua tese “A evolução da psicologia educacional através de um histórico da psicologia moderna”, concorrendo com Nelson Azevedo e Alberto Conti, Rudolfer é aprovada por unanimidade e passa a integrar a cátedra de Psicologia Educacional da USP. Na banca que a aprovou estavam nomes relevantes da educação: Fernando Azevedo, Almeida Junior, Antônio Carlos Pacheco e Silva, Milton de Campos e Paul Arbousse Bastide. Rudolfer junta-se ao pequeno grupo das primeiras mulheres catedráticas do país (MORAES, 2007).

Nesta função, desenvolve uma série de trabalhos para organização psicológica nas escolas e pesquisas que direcionassem uma adequada homogeneização das classes focado no processo de aprendizagem. O Laboratório de Psicologia nesta gestão, organizou 160 classes em 5 grupos escolares distintos entre condições econômicas das famílias, além das escolas primárias anexas ao Instituto de Educação e da Normal Padre Anchieta. Segundo o Relatório, aplicaram-se os testes

Dearborn⁵ em 7.582 alunos, que os classificou em graus - fortes, médios e fracos. (RELATÓRIO, 1938).

O Laboratório também incluiu Orientação Profissional também foi incluída em diversas escolas do Estado de São Paulo, ministrando aulas com média de 30 minutos de duração. Rudolfer era defensora de que conteúdos profissionais fossem inseridos no dia a dia das crianças, para que pudessem desenvolver interesses e aptidões.

Em 1938, presidiu o I Congresso Paulista de Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, Endocrinologia, Medicina Legal e Criminologia, realizado em São Paulo, o primeiro congresso do gênero no Brasil, com cooperação do Laboratório de Psicologia, onde foi apresentado, entre outros estudos e artigos sobre crianças de zero a seis anos.

Com Estado de Exceção imposto por Vargas, em 1937, o trabalho de Rudolfer estava em risco. No ano seguinte, o Instituto de Educação é instinto e substituído pela Quarta Seção de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) e o Laboratório de Psicologia volta a ser subordinado à Cadeira de Psicologia da Educação (ANUÁRIO, 1953, p. 516). Rudolfer que era professora da cadeira de Psicologia Educacional no IEUSP, foi transferida para a (FFCL) da Universidade de São Paulo, onde atuou até a sua aposentadoria, em 1954, mesmo com mudanças na organização curricular e do próprio vestibular da USP. Segundo Fernando de Azevedo, “a universidade, que apenas começava a organizar-se, foi uma das primeiras vítimas”, que escreveu em 1954:

Deviam cair, uma após a outra, as duas faculdades que, por mais recentes, não tinham, para apoiá-las na resistência, nem o prestígio das tradições, nem a autoridade de uma velha guarda de professores, nem a força numérica de estudantes organizados em associações, e a cuja destruição premeditada se haviam conjurado os poderes da rotina, da intriga e da corrupção, conluídos em torno e com a criminoso complacência do governo do estado. (AZEVEDO, 1958, p. 134).

Em 1942, morre Bruno Rudolfer, Noemy fica viúva e segue dedicando-se integralmente à educação. Em 1947, inaugura os cursos de pós-graduação em Psicologia da FFCL, assim, muitos

⁵ Testes desenvolvido por Walter F. Dearborn, em 1878 (EUA), tinha como objetivo verificar o nível geral de inteligência. Para viabilizar a aplicação no Brasil, foram feitas alterações para adequação às medidas (os processos pormenorizados e o processo de pesquisa encontram-se nos Arquivos do Instituto de Educação, n.3, 1937).

dos psicólogos que se destacaram na psicologia educacional, clínica ou industrial até década de 1950, foram seus discípulos. (MORAES, 2007).

Na década de 1950, Rudolfer aproxima-se da psicologia clínica e da psicanálise e dedica-se fortemente a publicação de artigos - "Os motivos profundos no desenho infantil"; "Psicologia profunda das manifestações artísticas" e "Critérios em uso na moderna psicologia" -, e, em 1960, ano em que se aposenta como Professora Emérita da USP e lança a segunda edição revista e ampliada do livro que passou a chamar Introdução à psicologia educacional.

Clinicando, é eleita para a primeira diretoria da Sociedade Paulista de Psicoterapia e Psicologia de grupo, dedicou-se à clínica psicanalítica até o ano de sua morte, em 16 de dezembro de 1980, aos 78 anos.

Deixou um legado na educação com cerca de 200 publicações, além de ser uma inspiração para mulheres numa época em que a produção intelectual e os ambientes políticos eram tomados por homens. Rudolfer trabalhou arduamente desde sua chegada a São Paulo e contribuiu até a sua morte, mesmo se aposentando precocemente dos serviços de educação. (RAMOS, 2005).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, ao mergulhar na vida e carreira de Noemy da Silveira Rudolfer, busquei entender o contexto político e, também, as características sociais da época, que pudessem ter potencializado ou comprometido os resultados dos trabalhos que Rudolfer propunha. É transcorrendo a jornada da educadora, que supponho uma série de dificuldades comuns às mulheres atualmente, tão mais marcantes também nas décadas de 1920 e 1930 e que podem ser associadas a presença tão minoritária delas nas instituições, como signatárias do Manifesto de 1932 e bolsistas no Teacher's College.

A partir de seu trabalho na cidade de São Paulo, das visitas ao Teacher's College e os relatórios de viagem publicados, pelas centenas de livros e artigos escritos e traduzidos, que percebemos a dimensão do trabalho de Rudolfer para a educação no Brasil. No entanto, para conhecer a educadora é preciso buscar diversas fontes, artigos sobre Lourenço Filho e Anísio Teixeira, por exemplo, para compor o quebra-cabeça de sua carreira. Foi possível notar por diversas vezes, que seu nome foi suprimido de menções em que estava atuando.

É inegável a sua relevância no período em que atuou, mas, sobretudo, sua trajetória também é de extrema importância para os debates mais modernos sobre educação e sociedade nos dias atuais.

Os aspectos biológicos que, por muitas vezes parecem ser cerceadores dos estudantes filhos da classe trabalhadora, é, na verdade, o olhar sobre o potencial de cada aluno não desenvolvido por técnicas de ensino que o limitavam. A redação e a escrita mecanizadas pela cópia, a diferenciação das escolas do pobre e do rico no desenvolvimento do senso crítico, as questões de cidadania oferecidas pela alfabetização, por exemplo, eram preocupações de Rudolfer, que tinha abordagem ampla sobre a importância da educação, que ultrapassava os limites da sala de aula e percorria toda a vida, incluindo trabalho e ensino superior.

Com menos de 30 anos, esteve duas vezes no Teacher's College onde focou seus estudos nas práticas de educação norte-americana e se aprofundou em testes psicológicos - o Dearborn, o Pintner-Cunningham e o ABC. Voltou ao Brasil para, com o apoio de Lourenço Filho, colocar em prática os testes que apoiam, direta ou indiretamente, alunos, professores, pais e sociedade.

Tendo tido contato com os pensamentos escolanovistas de John Dewey (1859-1952) e sociológicos de Émile Durkheim, a educadora entendia que era preciso olhar para o indivíduo para transformar a sociedade e não ao contrário. Esteve convicta neste pensamento e assim se mostrou diversas vezes, como quando deixou o seu cargo no Serviço de Psicologia Aplicada por não concordar com as práticas de Sud Menucci.

Com o histórico de carreira escrito neste artigo e pela dificuldade de concatenar a sua trajetória, é possível dizer que Rudolfer teve uma carreira brilhante, mas que muitas vezes é associada a outros atores da Escola Nova e da Psicopedagogia ou trabalhou sem buscar reconhecimento público, mas buscando transformar a educação. Por isso, para compreender realmente todo o trabalho de Rudolfer é preciso seguir em uma pesquisa ainda mais aprofundada para buscar os créditos adequados ao seu esforço em uma época em que as mulheres não estavam nos espaços de decisão.

REFERÊNCIAS

ANTUNHA, Heladio César Gonçalves. As origens da Faculdade de Educação da USP: a

introdução dos estudos pedagógicos de nível superior no estado de São Paulo. **Revista da Faculdade de Educação**. no. 1. São Paulo, SP: 1975.

AZEVEDO, Fernando de. **A reconstrução educacional no Brasil: Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. In: A educação entre dois mundos. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1958.

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. **A Universidade da comunhão paulista**. São Paulo: autores Associados: Cortez, 1982.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Um olhar sobre o Manifesto dos pioneiros da educação nova de 1932**. In: Xavier, Maria do Carmo (org). Manifesto dos pioneiros da educação: um legado em debate. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GALHANONE, Luiz. **O Serviço de Psicologia Aplicada**. Educação, órgão da Diretoria Geral do Ensino de São Paulo. 1932.

MORAES, José Damiro de. Noemy Rudolfer e a organização da escola e do mundo do trabalho nos anos 1920 e 1930. **Educação e Pesquisa**. 2012, vol.38, n.2, pp. 485- 497.

MORAES, José Damiro de. **Signatárias do Manifesto de 1932: trajetórias e dilemas**. Campinas. SP. (Tese de Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. 207

LEMME, Paschoal. O manifesto dos pioneiros da educação nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, maio/ago. 1984.

LEMME, Paschoal. **Memórias de um Educador**. 2.ed. Vol. II. Brasília: Inep, 2004

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. 2a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NETO, Lira. **Getúlio: Do Governo Provisório à Ditadura do Estado Novo (1930-1945)**, 2013.

RAMOS, Aidyl de Queiróz Perez. **Noemy da Silveira Rudolfer**. Boletim Academia Paulista de Psicologia, São Paulo: Academia Paulista de Psicologia, v. 25, n. 2, maio/ago., p. 40- 44, 2005.

ROCHA, Ana Cristina S. M. **Entre o Brasil e os Estados Unidos: intelectuais, ideias e projetos de educação (1927-1935)**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Ed. Fiocruz, 2020.

RUDOLFER, Noemi Marques da Silveira. **A orientação profissional: seu objetivo – papel da escola primária como pré-orientadora profissional**. Educação - órgão da Diretoria Geral da Instrução pública e da Sociedade de Educação de São Paulo, 1929.